

Anno VII

Rio de Janeiro 14 Setº de 1901

Nº 135

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini
Largo da Carioca 4 (Sobrado)



CLARA DELLA GUARDIA

A grande artista dramática, a sublime interprete da Zaza

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, Setembro de 1901

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOLA N. 4
SOBRADO

—:—

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

| CAPITAL | ESTADOS |
|-----------------------|-----------------------|
| Anno. 25\$000 | Anno. 30\$000 |
| Semestre 14\$000 | Semestre 16\$000 |

NUMERO AVULSO 1\$000

EXPEDIENTE

AVISO

Agradecendo aos Srs. assignantes que tiveram a bondade de escrever-nos sobre a sua mudança, ou não mudança, de domicilio, o que nos habilita para a remessa da folha, pedimos aos que ainda o não fizeram a bondade de nos participar, escrevendo-nos, sem o que teremos de suspender a remessa da folha por ignorarmos se é ou não recebida pelo assinante.

As cartas devem ser dirigidas a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado, Rio de Janeiro.

CHRONICA

O personagem da semana nunca ninguém o viu e todos o conhecem.

E' um personagem sombrio, teimoso, que um bello dia chegou ao Rio de Janeiro não sei de onde, vindo pelo cabo da Havas, soltou no cães Pharoux, sem que ninguem o visse e dous minutos depois era conhecido de toda a gente.

Porque elle é invisivel, mas assim mesmo está com toda gente, vai à Camera, à repartição central da Policia, está durante o dia na rua do Ouvidor, faz a cada instante pequenas excursões à Paris, Londres e Buenos-Ayres, faz descer e subir o cambio (descer principalmente), protege as agencias telegraphicais e os jornaes noticiosos e não ha quem se livre d'elle.

— Não sahe a gente de casa, lá vai elle ter, se a porta está fechada entra pelo buraco da fechadura, encaixa-se diante de nós e se sahimos lá vai elle comnosco sem que o percebamos.

Chamam-no — o Boato,

A semana foi d'elle. Elle sósinho, sem mais ninguem, fez uma *grève* de bonds, pôz a policia em movimento, alarmou os animos, assustou, intrigou, esplorou, fez fallar muito, provocou perguntas... O peior é que quantas perguntas foram feitas ficaram sem resposta.

Até hoje ainda estamos por saber que houve afinal nesta semana tão cheia de « consta », « parece », « espera-se », « dizem » e todo o costumeiro cortejo do boato, com a *grève* principalmente o caso tomou as proporções de um cumulo. Na vespera o boato dizia que ia haver grandes cousas, que não se sabia, mas devia ser alguma causa muito importante e grave; principalmente grave — « causa de galão. »

No dia seguinte o pacato burguez no sahir de casa soube, pelo conductor de bond, que durante a madrugada (das 4 ás 6) estivera suspenso o trafego das companhias de Villa Isabel e de S. Christovão.

— Que? Pois então? E porque foi, heim?

— Ah, isso não sei. Mas recolhiam os carros na praça Onze.

— Mas que seria?

— Homem eu não sei, mas foi causa que abafaram e causa séria, « de galão. »

Cá no centro da cidade o movimento continuava como de costume. As instituições ainda estavam de pé, o José Bonifacio não sahira do lugar, um hespanhol continuava a berrar na porta do animatographo e as damas continuavam a passar apertando a saia, para mostrar bem o que até hoje era costume andar escondido.

Mas vão lá tirar da cabeça do burguez a convicção de que a Patria está em perigo, o governo sobre um vulcão e as cousas feias, muito feias.

Tudo por causa de S. Ex. o Boato, que nunca ninguem viu, mas todos conhecem, todos ouvem.

Se algum dia lhe der na cabeça afirmar que o Dr. Barbosa Lima vai fugir para Buenos-Ayres disfarçado em bailarina hespanhola, toda a gente é capaz de jurar que o viu pedir as castanholas emprestadas a uma cantora do *Moulin Rouge*.

— Que querem? Isto se bebe na agua do Carioca... Está na massa do sangue.

GATINHO.

7 de Setembro

Este anno a commemoração oficial da gloriosa data da nossa independencia revestiu-se de um caracter mais brilhante e animado do que nos annos anteriores.

E como circunstancia muito significativa, nos tempos que correm, consignamos com jubilo a grande animação e brilhantismo com que a quasi totalidade dos officiaes da armada, exercito e guarda nacional foiao palacio do Cattete, saudar o primeiro magistrado da Republica.

O facto é confortante e doce.

Para todos os brasileiros de bom senso para todos os que amam a Patria e a Republica que tanto a tem honrado, é muito agradavel esse digno e patriotico procedimento, que vem responder altivamente aos boatos e maledicencias de exploradores sempre promptos a defamar as instituições, lançando calumnias infamantes sobre as classes armadas, nobres e dedicados alicerces ao brio nacional.

A arte no Brazil

No dia 1º de Setembro, a Escola Nacional de Bellas Artes, a nossa pobre Escola tão pouco frequentada pelo publico, infelizmente pouco sensivel ao que diz respeito a Arte Nacional, inaugurou a 8ª exposição geral de artes plasticas, que todos os annos tem organizado com coragem e esforço louvavel.

E ainda este anno a boa disposição de nossos compatriotas, a dedicação de Rodolpho Bernardelli e seus auxiliares foram coroadas de bom exito, conseguindo um salão que nos honra e vem provar superabundantemente o muito que deve merecer do publico e do governo.

O numero de expositores é avultado e entre as muitas obras apresentadas contam-se diversas de alto merito, que fariam boa figura nos principaes Salões da Europa.

A falta de espaço obriga-nos a reservar para o proximo numero a critica das pinturas e esculturas que admiramos na presente exposição. Hoje apenas citaremos, ligeiramente, as telas, estatuas e projectos que mais nos impressionaram. E entre estas estão os quadros de costumes do interior assignados por Modesto Brocos que expõe tambem tres retratos bem

desenhados e com bella allegoria sobre o Cruzeiro do Sul.

Os trabalhos de Henrique Bernardelli nomeadamente um auto-retrato, um retrato de mulher, outro do professor Guedarret, um quadro historico, varios estudos e composições, paysagens de Luiz Freitas e Benjamin Parlagreco, um quadro de Amoedo, estudos de Latour, F. Machado, Herminia Lisboa e outros.

Sabbado ultimo os expositores obedecendo a graciosa tradicção dos costumes de ateliers reuniram-se no aprasivel chapéu de sol do alto do Corcovado em almoço intimo.

Sentaram-se à mesa : Rodolpho Bernardelli, director da Escola ; Henrique Bernardelli, professor de pintura ; Dr. Araujo Vianna, professor de historia e theoria de architetura ; Dr. Diogo Chalréo, secretario da escola ; Modesto Brocos, membro do jury de pintura ; Benjamin Parlagreco, Augusto Petit, Augusto de Freitas, Lucilio Albuquerque, Eugenio Latourt, Sebastião Fernandes, Pedro Bolato, Sebastião Fernandes, Pedro Bolato, Agostini, Fernandes Machado, J. Xavier, Evencio Nunes, Raphael Freleico, Luiz Ribeiro, expositores de pintura ; Girardet, professor de gravura ; Rodolpho Amoedo, vice-director da escola e professor de pintura ; Cataneo Ricardi, professor de xylographia e Carlos Parlagreco, representante da *Gazeta de Notícias*,

A reunião foi encantadora da cordialidade e usaram da palavra o professor Rodolpho Bernardelli, Carlos Parlagreco, que produziu eloquente discurso e o Modesto Brocos.

O INQUERITO

Quando ha alguns annos o mundo politico de França se viu envolvido em toda um vergonhoso e alvitante escandalo e a opinião ou antes a imprensa barulenta dos Rochefort e Drumond exigiu um inquerito publico, os jornaes alegres, proseguindo tradicção gauleza, que tudo reduz a canções, publicou umas coplas que commentavam assim :

*Brisson commence l'enquête,
Mironton, mironton, mirontaine.
Brisson commence l'enquête
Ne sait quand finira*

Aqui, onde sempre foram parodiados os grandes escandalo do velho mundo, tambem temos agora um inquerito em elaboração. Afinal no Rio de Janeiro sempre foi moda abrir inqueritos.

Assim a Camara, depois de muitas discussões, descomposturas, conflictos intestino e populares, fez o que se lê inviavelmente no fim de todas as notícias policiaes : — abriu inquerito.

Está satisfeita a opinião ou os que se intitulam seus representantes.

Mas afinal para que servirá tudo isso e que resultado pratico surtirà d'essa decantada diligencia politico policial ?

A *Gazeta de Notícias* muito bem apreciou o caso :

«O inquerito — e sabe-o tanto quem o propôz como quem o votou — não terá, porque não pôde ter nenhum resultado pratico. Em primeiro lugar, é duvidoso que o Banco da Republica exponha os seus livros a uma devassa, quanto isso só é permitido nos casos determinados em lei e restrictivamente a pontos ou transacções determinadas.

Ora, para verificar se deputados ou senadores têm ou tiveram transacções com o Banco, a comissão para isso nomeada tem de examinar toda a escripta, porque não é natural que estejam escripturadas em separado as transacções feitas por congressistas. Portanto, para conseguir o seu fim, a comissão tem, ou de confiar nas informações que lhe fornecer o Banco, ou de, a propósito de procurar nomes e dividas de senadores e deputados, chegar ao conhecimento de todas as transacções do Banco, com toda a gente que não é deputado, nem senador, nem tem dependências do governo, nem da Camara, nem do Senado, mas que tem direito a não ver divulgado os seus negócios, a não ver o seu credito comprometido pela divulgação leviana, senão perfida, de operações que o podem afectar.

Mas supondo que se chegue a esse ponto, supondo que o Banco faculte os livros das suas operações ao exame dos inquiridores, supondo que elles encontram dezenas de operações feitas por congressistas, a que resultado se chegará ?

Ou, como já dissemos, as operações, se estão escripturadas, são legítimas, honestas, confessaveis e o inquerito não demonstrará cousa alguma, ou *houve suprimentos* inconfessaveis, como primeiramente se articulou, e esses com certeza não estão estão escripturados, porque esse gênero de operações não se registra e antes é de interesse das duas partes occultar-as por todos os modos.»

O que fica bem claro e patente no fim de contas é um desejo especial de lançar uma noda infamante sobre um dos mais importantes poderes da Republica, e uma accusação elastica, perigosissima. Porque

não parece ser bastante para desmoralizar um representante da nação o facto de ter relação commercial com o Banco da Republica ou outro qualquer estabelecimento de credito.

Um deputado não pôde, nem deve até, fazer meio de vida de subsidio. E' um cidadão como qualquer outro, que tem como toda a gente o direito de gerir a sua existencia, a ter uma vida privada, a qual não é permitido desvendar, nem examinar par fins politicos.

Nem mesmo na guerra todos os recursos são permitidos e nas luctas politicas como em todas as luctas deve presidir a lealdade. Tanto mais, que não se deve ferir honras particulares quando isso envolve a honra da Republica. Emfim isto é a opinião de um jornalista que se preza de não entender de politica e os que assim procedem devem saber o que fazem.

Que lhes saiba bem.

R. DE C.

DEVER CIVICO

Os nossos illustrados collegas d'A *Tribuna* lembraram em brilhante artigo dever de gratidão, que nos obriga para com os inditos e officiaes mortos no alto Amazonas em serviço da Patria :

«Está ainda a sociedade fluminense sob a dolorosa impressão que lhe causou a nova inesperada do fim desastre do membro da nossa comissão de limites com a Bolivia, o illustre official da nossa armada Carlos Accioli, e do capitão Potengy, que commandava o contingente militar que a acompanhava. São geraes e justas as manifestações de pezar que esse desastre tem determinado da parte de todos, amigos e até indiferentes ás pessoas que foram victimas delle, naturalmente sensibilizados pela perda valiosa que assim sofreu a sociedade.

E' indispensavel, porém, que neste momento não nos limitemos ás manifestações platonicas do nosso pezar ; e, inspirados neste sentimento superior da solidariedade, que é o assento das sociedades civilisadas, procuremos honrar a memoria desses dignos servidores da patria, abrandando em torno de sua prole orphanada a aspereza da vida e facilitando-lhe o necessário á subsistencia, sem o phantasma da miseria obstruindo-lhe a porta do lar.

O appello que assim fazemos não só ao

O ZÉ CAIPORA (De Angelo Agostini)



O primo não tardou a voltar, acompanhado do barão, do urbano e de todas as pessoas da casa e circunvizinhanças.

Zé vendo que era impossível a fuga, e não ousando apresentar-se em trajes meeiros, resolveu encapuzar-se de novo no seu esconderijo.

Não obedecendo à intimação de sahir, o urbano dispunha-se a furar o cesto, quando a tampa d'este abriu-se, de repente, uma erupção de roupa voou pelos ares, enchendo a todos de terror e... metas sujas ! Que Vesuvio !

CAPITULO XI Onde fica provado o risão do «justo que paga pelo peccador».



Passado o primeiro panico occasionado por tão insperado vulcão, o barão reconhecendo Zé, perguntou-lhe admirado: - O que está fazendo aí ?! — Estou... passeando disse-me, n'uma encalhotação que chegara ao cumulo !

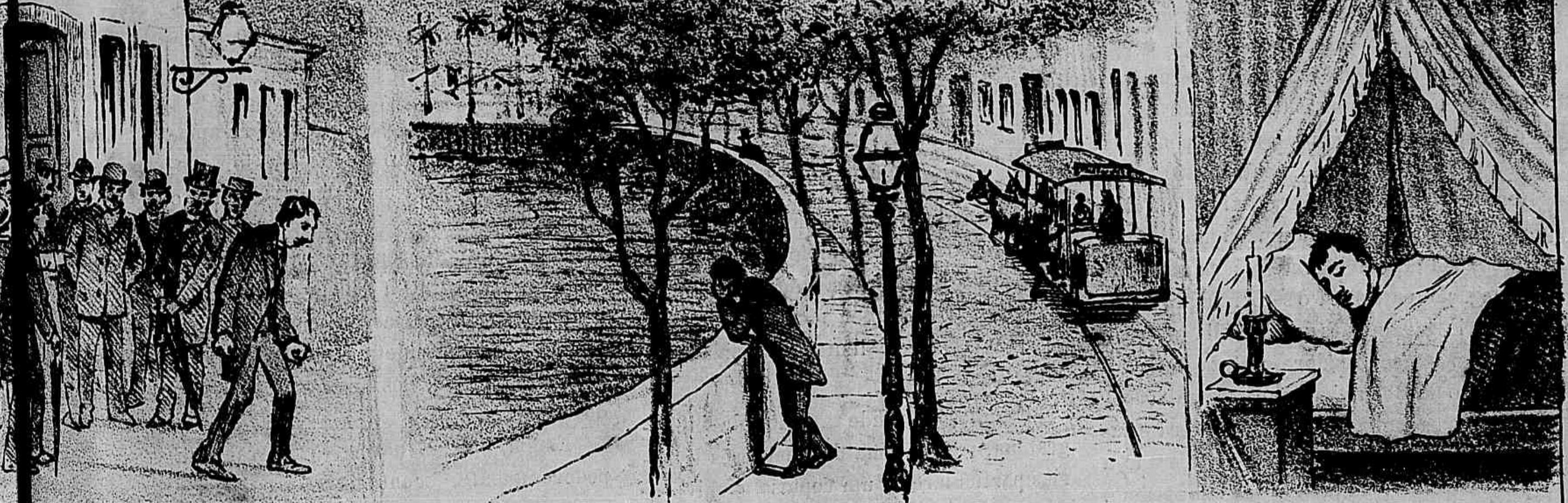
O urbano dispunha-se a levá-lo para o zadré, porém o barão opôs-se e saíou batizinho ao ouvido do polícia que sorriu-se e

contou o caso a um dos vizinhos, que o transmitiu a outros e assim todos souberam que não se tratava de nenhuma ladração, mas sim de... da... da tal coisa !...



Zé não teve remedio senão sahir do cesto, entrar para o quarto que o primo abriu, vestir a sua roupa ainda humida do suicídio,

e sahir, atravessando debaixo de risolas e cochichos de mofa uma longa fila de espectadores, que o fatal acontecimento juntara em casa do barão e ate na rua !



Chegando ao cdes de Botafogo, Zé parou ; grossas lagrimas de desespero corriam-lhe pelas faces e, se d'esta vez não se suicidou deveras foi porque presentiu que alguém o vigiava.

Sentindo calafrios e extenuado com tantas emoções, Zé a muito custo conseguiu entrar n'um bond.

E, de volta para a sua casa, deitou-se ardendo em febre !



Restabelecido o soeço na casa, o barão e sua Exma. consorte deixaram-se. Mas como o estado de agitação não lhes permitia conciliar o sono, puseram-se a conversar sobre o caso.

— ... Fingir-se de afogado para introduzir-se em nossa casa com o fim de... Ora esta ! — E quem diria ! Que escândalo !

O primo intrigado com a presença do Zé, n'um quarto que não era o d'ele, levantou-se, e pé ante pé, dirigiu-se para o logar do escabroso acontecimento, para obter explicações.

Na cozinha, tia Joanna contava que, na occasião do tremendo susto, que tivera, encontrara um defensor ardente, o que não agradou a pai Joaquim.

Amelia refugiou-se no quarto e chorou. Depois das lagrimas veio a refreio.

— Não, não é possível ! Elle é incapaz d'isso. Aqui ha algum mistério... Vou interrogar a rapariga e por ella saberéi de tudo.

E cobrindo-se com um chaile, dirigiu-se para o quarto da mucama. Ouvindo vozes, escutou... e !... e ficou plenamente convencida de que Zé era inocente.

Pela manhã veiu o médico. — Então, como vai o nosso afogado ? Passou a noite tranquillo ? Muito tranquillo, não haja dúvida ! Aquillo não era um afogado, era o diabo !

A essa mesma hora um médico que fora chamado para visitar o pobrão, declarava o estado d'este gravíssimo !

coração, e inão aos sentimentos de justiça dos srs. ministros da marinha e da guerra já echoou nello naturalmente, emanado da sua propria consciencia como a expressão do seu zelo pelos direitos e interesses de seus subordinados e pelo desejo de animal-os no cumprimento do aspero dever que lhes incumbe, dando-lhes a certeza de que servir a patria não importa no sacrificio da vida ou do bem ser dos que têm de mais caro.

Não será preciso para chegar a este resultado violar a lei, nem pedir uma medida de exceção: basta apenas applicar a lei existente que assegura vantagens especiaes aos militares que succumbem no serviço, que dão a vida em holocausto à patria no cumprimento do dever.

Ora, esses officiaes morreram no seu posto. Não foi a arma inimiga que os feriu num combate de que poderiam ter sahido com gloria. Foi quiçá peior.

Feriu-nos o inimigo occulto e traçoeiro, contra o qual estavam desarmados e contra o qual nada podia a bravura sinão exactamente conduzil-os ao ponto da morte provavel, onde, entretanto, o interesse superior da patria exigia que elles se mantivessem. Se ha uma causa justa, é que se não regateiam a esses martyres da abnegação patriótica o socorro a prole que a Patria garante aos que por ella morrem.

Temos a consoladora certeza de que o governo da Republica, que sabe galardoar os serviços a ella prestados, já lerá estas estas linhas com o animo deliberado a praticar o acto da justiça que ellas pedem.

Assim o esperamos do illustre almirante que tem a seu cargo os destinos gloriosos da nossa armada; assim confiamos do digno soldado que está á testa do nosso heroico exercito; e a ambos hypothecamos antecipadamente os aplausos e o reconhecimento de toda a sociedade brasileira, intimamente interessada em que essa justiça seja feita aos heroicos soldados que nos terrenos paludosos de Javary encontraram a morte quando punham a sua capacidade e a sua dedicação a serviço da defesa dos direitos da Patria brasileira.

O D. Quixote empenha tambem todo o seu apoio a tão justa campanha.

DR. EDUARDO PRADO

Finou-se em S. Paulo o dr. Eduardo Prado e em todo o Brazil e especialmente

nos meios litterarios e jornalisticos a dolorosa surpresa foi profunda.

Esse nome illustre era conhecidissimo e ninguem havia que não conhecesse dr. Eduardo Prado, o apreciasse e estimasse.

Afectuoso, delicado, lhamo, correcto no tratamento que costumava dispensar a todos que o procuravam, sempre revelaram-se no dr. Eduardo Prado estes excelentes dotes de uma educação e instrução superior.

Era um finissimo gentleman. Poucos como elle se compraziam tanto com o es-tulo e na convivencia dos homens de sciencia e dos escriptores.

Avaliamos a dôr immensa que a esta hora está pungindo os seus eruditos amigos drs. Orville Derby e Theodoro Sam-paio.

O dr. Eduardo Prado fizera o seu curso jurídico em S. Paulo, onde se bacharelou, e, depois, defendeu these com grande bri-lhantismo.

Emprehendeu uma viagem à Europa, cujos principaes paizes percorreu, e serviu junto ás legações brasileiras de Londres e de Paris.

Grande parte da sua vida, o illustre extinto passou viajando; conhecia o Egypto e o India; destas longinhas peregrinações trouxe o seu formoso livro *Via-gens*, cuja edição limitada rapidamente exgottou-se.

Estudioso, grande amador da bibliographia, possuia uma das melhores livrarias particulares e um copioso arquivo de documentos historicos e litterarios.

O seu espirito não sabia ficar inactivo.

Produzia constantemente; como jornalista, foi collaborador e correspondente da *Gazeta de Notícias* e do *Jornal do Com-mercio*, nesta capital.

Em S. Paulo, dirigiu *O Commercio de São Paulo*, onde polemisou com o maior lustre pelas suas convicções e principios monarchicos.

Era um luctador destemido; como pamphletario adquiriu renome, justamente merecido.

Suas cartas na *Revista de Portugal*, trazendo a assignatura de Frederico de S..., por occasião de proclamar-se a Republica brasileira, causaram enorme sensação no mundo politico.

Os homens, as instituições, os acontecimentos eram ironicamente e com erudição rara apreciados e tratados.

Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz estimavam o dr. Eduardo Prado com o maior carinho do seu affecto e companheirismo espiritual; o mesmo se dava com o historiador e publicista Oliveira Martins.

A este eminentes escriptor o dr. Eduar-dô Prado votava uma admiração elevada como talvez a que possuia pelo seu amigo e compatriota Barão do Rio Branco, pois, tambem como elles, cultivava o estudo das sciencias da historia e da geographia.

Durante a effervescencia da guerra ci-vil de 1893, o dr. Eduardo Prado publicou *A Illusão Americana*, celebre obra critica da theoria de Monroe.

Ultimamente trabalhava em uma investigaçao documentaria do periodo colo-nial brasileiro; para escrever uma obra valiosa occupou grande parte do tempo do tempo de sua estada na Europa, visi-tando os archivos da França, da Hespanha, de Portugal e consta-nos que ainda por causa desta obra é que viera a esta capital.

Aqui apanhou o *morbus* da febre ama-rella que o victimou em S. Paulo, pre-maturamente para as letras e para o serviço da patria.

No intuito de propagar os estudos da historia brasileira, à sua iniciativa de-vem-se as conferencias do centenario do padre José de Anchieta, o fundador da ci-dade de S. Paulo, nos tempos da missão dos Jesuitas.

Emfim, o dr. Eduardo Prado auxiliou poderosamente, contribuiu largamente para o movimento das idéas em S. Paulo, a sua terra natal, que elle muito amava e sabia prestigiar.

A adiantada França distinguiu o seu elevado merecimento com a condecoração da Legião de Honra e com a laurea de of-ficial da Academia. »

CONGRESSO PAN AMERICANO

No ultimo numero fizemos sentir com insistencia a urgencia de ser votado pela Camara e pelo Senado o credito pedido pelo poder executivo, para a representaçao do Brazil no Congresso Pan Ameri-cano do Mexico.

Hoje já os representantes da Nação cumpriram o seu dever.

O governo já tem a verba necessaria e trata-se apenas de nomear os que vão tomar a palavra e defender os interesses

nacionaes nessa conferencia, da qual é lícito esperar muito.

Todas as republicas americanas comprehendem bem a maxima importancia d'esse Congresso, os incalculaveis resultados que d'ele podem provir e a conveniencia de estar nelle representado por elementos capazes de influir na discussão de todos os assumptos, podendo fazer valer a opinião e os interesses nacionaes.

No momento actual não ha para as nações americanas questão de maior vulto e assumpto tão grave como o Congresso Pan Americano. Por isso todas as republicas irmãs dedicaram apurada a attenção e patriotica importancia às missões que devem enviar ou já enviaram ao Mexico.

E cada qual, para não ficar em posição inferior ante o Congresso, confiaram a discussão de seus direitos a diversos illustrados especialistas nas materias a discutir, para que em qualquer d'ellas possa pesar e contar a opinião nacional.

Os nossos vizinhos do Prata, cujos interesses contrarios aos nossos são conhecidos e multiplos, já nomearam para represental-os no Mexico tres illustradissimos homens politicos, tendo como secretarios lentes cathedraticos de Faculdades de Direito.

Nós seremos representados nesse areopago, ao qual cada nação enviou tres ou mais summidades, pelo Sr. Dr. José Hygino, acompanhado de dous secretarios de legação, de carreira.

Nem de longe ousamos discutir o mérito, valor e competencia do Sr. Dr. José Hygino, para tão elevada missão, mas affigura-se-nos impossivel que S. Ex., por maior que seja o seu talento, illustração e eloquencia, possa pesar tanto nas discussões como os varios representantes das outras nações, que agirão cada qual dentro da esphera de seus conhecimentos especiaes e portanto com superioridade esmagadora.

O facto do Brazil, depois de tanto fazer esperar a sua representação, nomear para esse fim um unico delegado pôde ter duas unicas interpretação. Ou descuro imperdoável dos interesses nacionaes e menos prego ao Congresso; ou ridicula pretenção, que nos leva a julgar que um só delegado brasileiro poderá valer tanto como tres argentinos.

De qualquer modo o caso merece con-

sideração e esperamos não se conserve unicamente o que está feito e não basta.

Além disso o Sr. Dr. José Hygino não é criatura inviolavel e sagrada. S. Ex. pôde adoecer como qualquer mortal e nesse caso ficará o Brazil sem representação.

O RELATORIO DO PREFEITO

Já está publicado o relatorio do Sr. Prefeito Municipal, apresentando ao Conselho a proposta de orçamento geral para a receita e despesa do Districto Federal para 1902.

Por este relatorio vemos que a receita arrecadada de janeiro a julho foi de 12.809.666\$815, importando a despesa em 11.852.607\$260, relevando notar que se acha incluida na receita a quantia de 2.577.324\$, relativa a operações de credito claramente discriminadas nos balancetes mensaes já publicados, e na despesa a de 1.595.358\$950, de conta de emprestimos.

Da dívida externa foram resgatadas 1b. 16.875 ao cambio de 11 d.

Da dívida interna por apolices foram resgatados 420.000\$590 da segunda.

Das 50.000 apolices foram collocadas 25.320, ficando em carteira 24.680, das quaes têm sido tiradas 17.091 para pagamento a credores.

Restam em carteira 7.589 apolices, que serão collocadas gradualmente.

A dívida fundada municipal é de.... 37.202.696\$250, sendo 7.457.096\$250 da dívida externa e 29.745\$600 da interna.

A dívida fluctuante, que era de..... 7.626.004\$300, foi reduzida a..... 4.171.095\$218.

Foi resgatado o emprestimo de..... 1.536.000\$ feito o anno passado por seu antecessor a firma Theodoro Wille & C. Esse resgate custou à Prefeitura..... 2.831.018\$570.

A receita nos dois exercícios de 1900 a 1901 não decresceu, como se esperava, attenta à crise economica, extincção de outras fontes, como frontões, boliche, etc., o que prova que tem melhorado o estado financeiro da Municipalidade, devido à rigorosa economia e à maior fiscalização.

Ainda assim não espera, que seja encerrado o presente exercicio sem deficit, parecendo provavel que se possa fazer em dia os pagamentos aos emprégados da Mu-

nicipalidade só de março de 1902 em diante. Para isto, porém, julga necessario o Sr. Prefeito que o Conselho conserve no proximo orçamento todos os actuaes impostos e que a Prefeitura continue a melhorar a arrecadação.

É provavel que a Conselho Municipal proceda do modo indicado no relatorio e nós desejamos que siga a Prefeitura um caminho logico, e justo, debellando a já popular crise municipal e dando fim a esta situação afflictiva.

Que ideal!

Teremos por fim as finanças do Districto Federal em dia?

Oh! sonho roseo!

THEATROS

SYMPHONIA

Para os que tem verdadeira e decidida paixão pelo *Theatro* e soffrem quando não ha no Rio de Janeiro uma só companhia e se tem regosijado ultimamente com a animação theatrical, a semana teve dous factos notaveis.

A reorganisação da companhia de zarzuelas hespanhola do maestro Gustavo Campos, que contractou novos artistas e vai continuar os seus spectaculos em melhores condições.

— A chegada e estréa d'essa extraordinaria Clara Della Guaadia, que ha dous annos nos entusiasmou e agora nos volta com as suas raras qualidades mais solidas, com o seu talento em pleno desenvolvimento, mais artista.

Isso junto ao exito da companhia francesa de opereta francesa, que continuou a dar excellentes recitas, forma uma semana theatrical estupenda, d'essas como o publico fluminense não tinha ha muito tempo.

Em todas as casas de spectaculos que actualmente funcionam com concurença avultada, continua a animação que nos tem dado uma excelente estação theatrical.

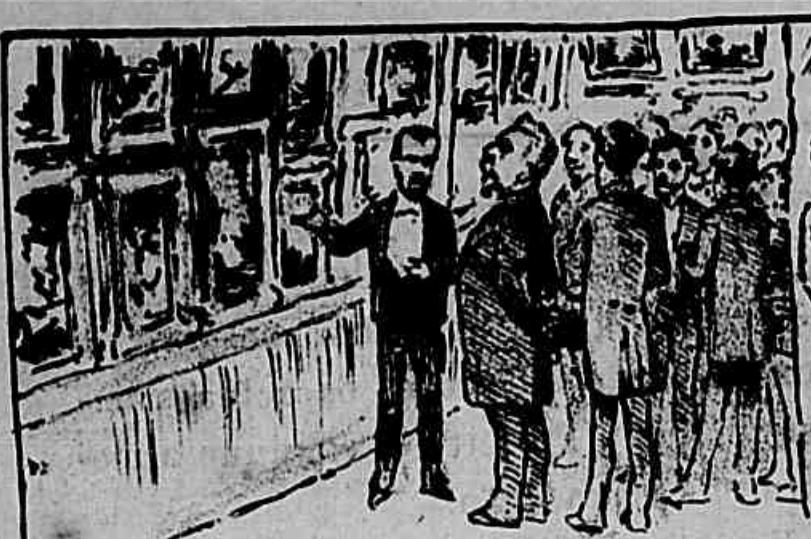
A magnifica companhia francesa de opera comica, deu-nos boas audições do *Rip, Belle Helene*, que a Sra. Anny Goet desempenhou a primor, *Miss Helyet, Surcouf, Nitouche*, e outras obras primas da opereta. Terminou a temporada no *Apollo*, como encheres monumentaes.

Oxalá volte muito breve a nos deliciar.

A companhia Souza Bastos continua a explorar o seu opulento repertorio já conhecido em quanto prepara uma reprise da *Pera de Satanaz*.

Clara Della Guardia a extraordinaria artista, que já os *dilettanti* apellidam com justiça, a segunda Duse, estreou no *S. Pedro* e encantou o publico com seu divino talento *Zazá, Come lè foglie, Magda...*

Sublime arte, obras deliciosas e artista rara. Que excellente temporada vamos ter!



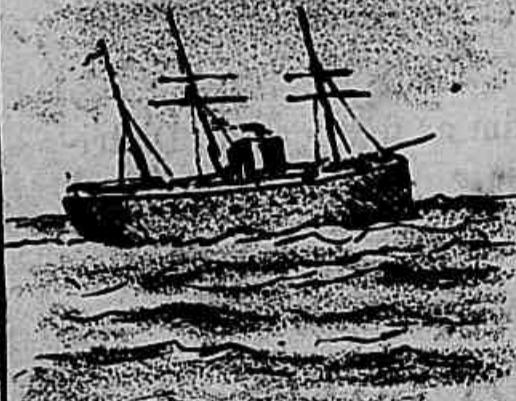
Grande exposição de Bellas Artes.
Apesar de não haver dinheiro, nem por isso deixa-se de pintar.
D. Campos Salles gastou muito e prometeu voltar com a família, dando as parabéns ao Sr. director R. Bernadelli.



O dia 7 de Setembro foi muito corrido. Além do mundo oficial, foi extraordinário o número de oficiais do exercito e da armada.



No noite de 7, foi extraordinário o efeito dos criados encasacados, à moda de Luís XV! que luxo! Threlot, Lyrico, Hymno nacional, e o Clássico e impagável Guerre, o superbo



A companhia francesa aquella que nos deu occasão a boas caravelhas, foi embora e volta para Bordeaux.



Agora, é ir ao S. Pedro apreciar a Clara Della Guardia, e obstinar-se a possuir uns lugares para aplaudir a granole e colossal artista.



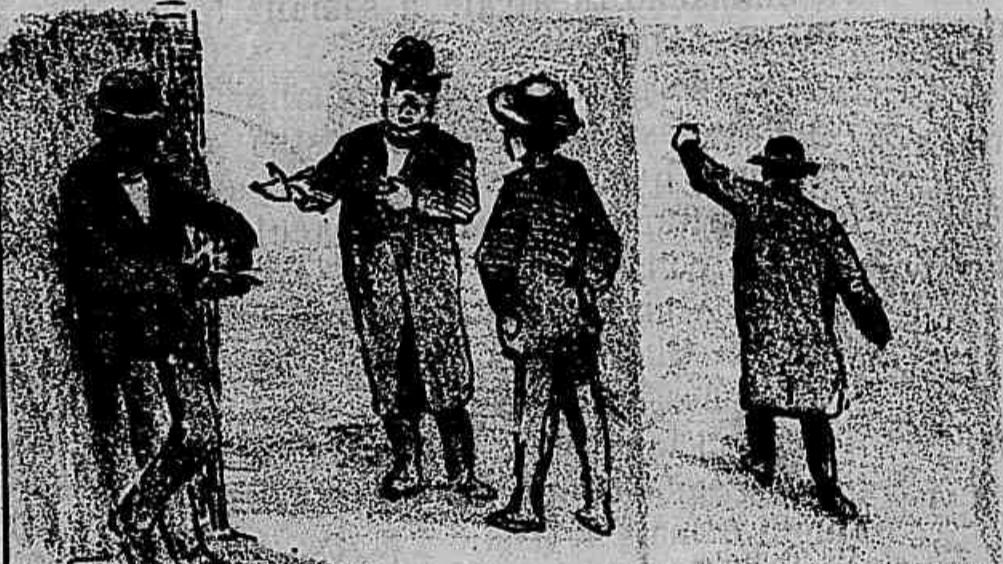
No Apollo, o Sousa Bastos enche o theatro com a Perca de Seta



No Recreio Dras- matico, os espanhóis zarzuelam a valer



O Arthur Azevedo, junta a isso o Moulin Rouge, o Parque, o Casino, a Guarda Velha e diz:



A arte dramática no Rio, é aquelle preto encarregado de cobrar impostos de licenças aos theatros

Oh! arte dramática! Arte dramática

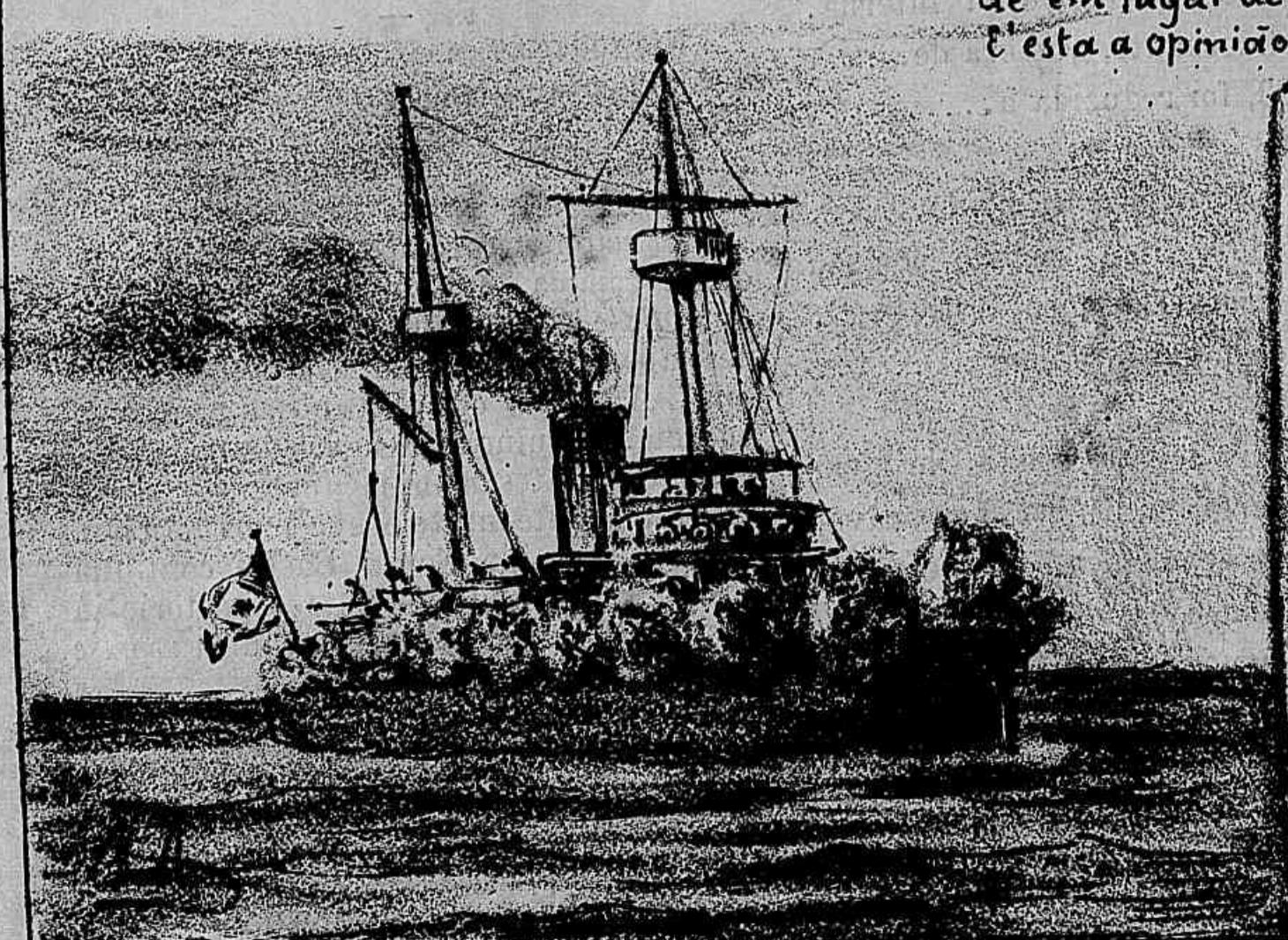


Os intendentés Leite Ribeiro e Honório Gurgel, sobre tudo, indignaram-se que a Câmara mantinha contrato com a Carnie Verde em lugar de rescindí-lo.

E' esta a opinião do Edmundo, o grande jornal.



Hei de dar cabo dessa envenenadora! 400,000 pessoas já falecidas. Carnaval Verdedo Diabo!



O encouracado "Floriano" segundo um desenho de Juliano Machado, com seu carregamento de manifestações. O navio resistiu bem ao fogo dos discursos e as tempestades de aplausos.



MAC-KINLEY

A ultima vítima dos infames attentados anarquistas.